

CARVALHO, JOSÉ ADRIANO DE FREITAS (2020). *DA ARTE DE CONVERSAR NA CORTE E NO PALÁCIO — DE CORTE NA ALDEIA (1619) A ARTE DE GALANTERÍA (1628)*. PORTO: CITCEM; EDIÇÕES AFRONTAMENTO. 170 PP.

JOÃO CARLOS GONÇALVES SERAFIM\*

Os «Estudos Culturais» — conceito que, hoje, consegue representar trabalhos de áreas tão diversas como a memória social, as identidades, a cultura material e imaterial, os estudos fílmicos, os *media*<sup>1</sup>... — constituem uma tradição epistemológica das Ciências Sociais e Humanas que foi ganhando força a partir dos anos 60 e 70 do século passado. Com o termo, pretende-se definir um campo de investigação de carácter interdisciplinar e com fronteiras moveáveis que explora as formas de produção ou criação de significados, e de difusão dos mesmos. Desde as suas origens, foram vistos não tanto como uma disciplina, mas mais como um «campo gravitacional» para intelectuais de diferentes origens<sup>2</sup>. E, por esta dificuldade em se autolimitar, continua a ser objeto de discussão e incerteza. Os académicos revelam divergências profundas em relação a questões fundamentais: para que servem, qual é o objeto de estudo, que métodos lhe são adequados, que teorias produzem, quais os seus limites<sup>3</sup>... Em termos metodológicos, um dos maiores desafios que se colocam é o de conciliar as aproximações mais literárias, ou «textuais», tipicamente das humanidades, e as mais «sociológicas», próprias

das «ciências sociais». No entanto, é na convergência destas duas tendências que os Estudos Culturais conseguem ser mais inovadores e proficientes.

A obra aqui em apreço — que vem na sequência de várias outras... —, pela particular capacidade de pintar as mentalidades, os comportamentos, as práticas nobiliárquicas, as éticas e as estéticas dos seus tempos, é um exemplo acabado disso mesmo. Há, aqui, um olhar interdisciplinar dos temas — cultura, identidade, representações... —, analisados numa perspetiva narrativa e semiótica, enquanto processos sociais e culturais interdependentes. Falamos de um filão que se pode designar como «tratadística de comportamento social» que, em Portugal, nos séculos XVI e XVII, tem como manifestações mais representativas — para além de muitas outras «instruções», «advertências», «avisos», «conselhos»... — a *Instrução*... de Gaspar Gil Severim (1598), a *Corte na Aldeia e Noites de Inverno* de Francisco Rodrigues Lobo (1619), a *Arte de Galantería* de D. Francisco de Portugal (1628), a *Academia nos montes, e conversações de homens nobres*... de Manoel Monteiro de Campos (1642)<sup>4</sup>. E é um género,

\* MEC/CITCEM. Email: joaocarloserafim@gmail.com.

<sup>1</sup> Como exemplo, vide o *Portal dos Estudos Culturais* — <http://estudosculturais.com> —, e a «Revista Lusófona em Estudos Culturais» — <https://rlec.pt/>.

<sup>2</sup> BENNETT, 1992: 23-53; 1998.

<sup>3</sup> MARTINS, 2011, 2015; BAPTISTA, 2009.

<sup>4</sup> Veja-se o lugar em rede sobre a literatura de comportamento social em Portugal, recentemente criado pelo GENPEM — Grupo de Estudos das Novelas Portuguesas da Época Moderna — <https://literaturadecomportamento-social.wordpress.com/>.

este, que tem merecido particular, e pioneira, atenção do Doutor José Adriano de Freitas Carvalho. Recorde-se *A leitura de Il Galateo de Giovanni Della Casa na Península Ibérica: Damásio de Frias, L. Grácian Dantisco e Rodrigues Lobo*<sup>5</sup>; a edição — apuradíssima... — de *Corte na Aldeia* de Francisco Rodrigues Lobo<sup>6</sup>; *Pais e nobres I — Cartas de Instrução para a educação de jovens nobres (Séculos XVI-XVIII)*<sup>7</sup>; *Pais e nobres II — A descendência portuguesa de um texto célebre: A Instrucción de Juan de Veja a seu filho Hernando de Veja (1548)*<sup>8</sup>; a edição de *Arte de Galantería* de D. Francisco de Portugal<sup>9</sup>.

No ensaio agora publicado, como forma de celebrar as quatro centúrias — no caso de *Arte de Galantería*, quase quatro centúrias... — de duas obras fundamentais no que diz respeito à «arte de conversar» na corte — propõe-se uma releitura de *Corte na Aldeia* (1619) e de *Arte de Galantería* (1628) estudando — dissecando, diríamos nós — «um aspeto fundamental da *forma de vida* [...] de um cortesão do *Antigo Regime*»: a «arte de conversar» (p. 15), que se mostra o talento mais ambicionado, a condição *sine qua non* para a agradabilidade, a «chave dourada» dessa «cultura de palácio»... E não é um assunto menor, este, visto que — na expressão de quem disso bem sabia — a maior parte do tempo era gasto a conversar e a «saber vidas alheias»... Trata-se de obras que enfileiram na torrente daquelas que se moldam em *Il Libro del cortegiano* (1528) do conde Baldassare Castiglione — obra dedicada ao bispo de Viseu D. Miguel da Silva — em que se apresenta um ideal de vida cortês

que teria enorme influência em toda a literatura europeia do Renascimento. Não arredando a hipótese de Rodrigues Lobo ter lido *Il Cortegiano* — certamente pela tradução que fez Juan Boscán — o ideário da obra de Castiglione veio, muito provavelmente, como acontecia por aqueles tempos, pelo *Il Galateo* de Giovanni della Casa, na adaptação de Lucas Gracián Dantisco intitulada *Galateo Español, destierro de ignorancias, maternario de avisos* (Madrid, 1582).

Começa-se por tratar a questão das aproximações e dos distanciamentos... É um exercício de abeiramento de duas obras — apesar do tanto que têm em comum — que se distinguem na sua «fundamentação literária»: a primeira estrutura-se em diálogos, ou em «colóquios», a segunda é um breve tratado «técnico» em forma de carta endereçada a uma «Senhora de palácio»; nos «universos sociais»: a primeira trata de uma corte — «mesmo se na aldeia e de aldeia» —, a segunda trata do palácio real, que pode significar o antigo, dos reis de Portugal, ou o palácio real de Madrid; nas línguas de que se servem; e, ainda, na fortuna editorial... Seguidamente, pondo-se particular foco na obra de Rodrigues Lobo (pp. 19-83), trata-se dos «contextos de *Corte na aldeia*»: o contexto histórico, esses fins de 1616 e os primeiros meses de 1617, na corte que D. Duarte de Bragança ainda mantinha, em Évora; o contexto de edição, o ano em que — coincidência, ou não — acontece uma curta visita de Filipe III a Portugal, entre 5 de maio a 29 de setembro; o contexto ficcional... Esmiúçam-se, depois, os

5 CARVALHO, 1970: 137-171.

6 LOBO, 1992.

7 CARVALHO, *compil., leitura e ed.*, 2009a.

8 CARVALHO, *compil., leitura e ed.*, 2009b.

9 PORTUGAL, 2012.

conceitos de «corte»: a corte «imaginada», essa tal corte de D. Duarte, sobre a qual o autor nada diz, e que o leitor só poderá idealizar; a «corte pintada», ou seja, aquela que é delineada nas linhas lidas, muitas vezes matizada «com as sombras da verdadeira» que só existia na longínqua memória de alguns (p. 71). E procura-se vislumbrar aquilo que nela poderia ter sido dito, como a questão da conversação com damas, assunto que — ao contrário do universo de Castiglione —, desta «corte» está ausente.

É agora que o foco se vira para a obra de D. Francisco de Portugal (pp. 84-161), um experiente cortesão e, pelo que se conhece, autor do único tratado de galantaria que se escreveu, na Península Ibérica, nos inícios do segundo quartel do século XVII. Recordar-se, de igual modo, o contexto de elaboração — esses meses de 1627 e 1628 em que, para «enganar» os «maus dias» de prisão, lê e escreve, recordando os tempos em que frequentou o palácio real de Madrid... (pp. 87; 96) —, as fontes — nomeadamente *Il Cortegiano*, pela tradução de Juan Boscán, e muito possivelmente a *Corte na Aldeia*... —, o destinatário, real ou fictício — uma anónima «dama de palácio» que teria solicitado a D. Francisco que lhe falasse das obrigações das damas galanteadas e dos senhores galanteadores... —, os propósitos — à cabeça, a questão da «conversação»... —, os conceitos e os princípios de galantaria, de fina galantaria... Por fim, vêm os exemplos... Escolhem-se e comentam-se, pormenorizadamente, dez fragmentos capazes de exemplificar de forma particular essa «arte da conversação», confrontando-os com os preceitos gerais emanados em *Corte na Aldeia* (pp. 133-151).

Das muitas dissertações e exemplificações feitas, salientáremos, por um lado, as

razões da contiguidade destas obras: A novidade que representam e a centralidade que ocupam no quadro da «tratadística do comportamento social», em Portugal, no século XVII; A sua natureza comum — pelo enfileiramento relativamente aos livros de *instituto* e pela relação com as mesmas obras matriciais; o enfoque particular na «arte de conversar» — a boa conversação, em ambas, é uma faculdade ambicionada, uma espécie de «chave dourada dessa tal «fina galanteria» e, por isso, se fala das medidas, dos pesos, dos modos, das razões e dos ornamentos, e se expõem orientações e exemplos úteis para gente de corte e de palácio que, no contexto, significava um espaço bem definido (p. 27); e, ainda, a importância da arte poética, e da «poesia de palácio», no quadro dessa «disciplina do discurso e da conversação» — «o galante, se não tem que ser poeta, tem de saber fazer versos» (p. 153).

Salientáremos, por outro lado, as razões que permitem olhar para *Corte na Aldeia* e *Noites de Inverno* e para a *Arte de Galanteria* como obras complementares: A obra de Rodrigues Lobo com «normais universais» — a graça, a moderação, a autoridade... — e a de D. Francisco de Portugal com orientações e exemplos — as formas de tratamento, as estratégias para encetar a conversação, ou para contornar situações incómodas... — proveitosos para o diálogo entre damas de palácio e nobres galantes (pp. 134-151).

Achamos, ainda, particularmente proveitoso o muito que se disse sobre a «questão da semântica»: o conceito de corte — a «corte verdadeira», «a corte imaginada», a «corte pintada» —, o conceito de «galantaria» — e o seu quadro significativo vastíssimo —, o conceito de «fina galanteria» e os seus contextos, protagonistas e códigos...

Não podemos deixar de recordar que foi pelas muitas diligências e esforços do Doutor José Adriano de Freitas Carvalho que, nos anos 90 do passado século — na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em torno da revista «Via Spiritus» — surgiu o CIUHE (Centro Interuniversitário de História da espiritualidade) que, em 2007, viria a ser incorporado pelo CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória). Trabalhando dentro do vasto campo da história da cultura e das mentalidades, o CIUHE — sustentado numa vasta rede de contatos internacionais — foi desenvolvendo projetos de investigação anuais e plurianuais. Os primeiros materializaram-se na realização de conferências mensais — de que resultaram os artigos para a revista anual «Via Spiritus» — e na promoção de outras atividades científicas como jornadas, colóquios etc.; os projetos plurianuais desenvolveram investigação de maior fôlego e resultaram, entre outras iniciativas, variadíssimos projetos editoriais. Entre as muitas linhas temáticas desenvolvidas, salienta-se a edição de textos de referência na história da cultura e da literatura dos séculos XV a XVIII, o inventário de bibliotecas conventuais, as correntes proféticas e milenaristas, as epis-

tolografias, a religiosidade mística, as reações ao pauperismo, a poesia hagiográfica, as heterodoxias, as reformas e as contrarreformas, a espiritualidade e a corte, as perseguições inquisitoriais, as correntes do iluminismo católico setecentista... José Adriano de Freitas Carvalho criou, de facto, uma escola que foi *alma mater* para muitos professores e investigadores. E o ensaio que agora apreciamos revela bem a sua natural faceta de mestre, porque — como é distinção sua — abre portas, aponta caminhos, motiva jornadas... Veja-se, por exemplo, as interpelações sobre a questão da «sustentabilidade», ou o «sentido último», do próprio conceito «Corte na aldeia» (p. 16); sobre as novas nuances que poderia ter a «arte de galanteria», nos finais do século XVII, na corte de Afonso VI e Pedro II (p. 16); sobre a possível relação entre a data da primeira edição da obra de Rodrigues Lobo e a visita de Filipe III a Portugal, entre 5 de maio a 29 de setembro de 1619 (pp. 35-36); sobre as circunstâncias, e as razões, que teriam estado por trás da primeira edição de *Arte de Galanteria*, em 1670, ano em que se editou, pela quarta vez, *Corte na Aldeia*... São, com certeza, quesitos de muito proveito para trabalhos futuros, neste filão literário a precisar, ainda, de atenção e estudo.

## BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, Maria Manuel (2009). *Estudos culturais: o quê e o como da investigação*. «Carnets: revue électronique d'études françaises d l'APEF». Première Série. 1 Numéro Spécial, 451-461. [Consult. 14 out. 2021]. Disponível em <<http://revistas.ua.pt/index.php/Carnets/article/view/466/422>>.
- BENNETT, Tony (1992). *Putting Policy into Cultural Studies*. In NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence; TREICHLER, Paula, eds. *Cultural Studies*. London; New York: Routledge, pp. 23-53.
- BENNETT, Tony (1998). *Culture: A Reformer's Science*. St Leonards, NSW: Allen & Unwin.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas (1970). *A leitura de Il Galateo de Giovanni Della Casa na Península Ibérica: Damásio de Frias, L. Grácian Dantisco e Rodrigues*

- Lobo. «Revista Ocidente». LXXIX (Lisboa), 137-171.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas, *compil., leitura e ed.* (2009a). *Pais e nobres I — Cartas de Instrução para a educação de jovens nobres (Séculos XVI-XVIII)*. Porto: CIUHE.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas, *compil., leitura e ed.* (2009b). *Pais e nobres II — A descendência portuguesa de um texto célebre: A Instrucción de Juan de Veja a seu filho Hernando de Veja (1548)*. Porto: CIUHE.
- LOBO, Francisco Rodrigues (1992). *Corte na Aldeia*. Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Freitas Carvalho. Lisboa: Editorial Presença.
- MARTINS, Moisés de Lemos (2011). *Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio; CECS. [Consult. 10 out. 2021]. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29167>>.
- MARTINS, Moisés de Lemos (2015). *Os Estudos Culturais como novas Humanidades*. «Revista Lusófona de Estudos Culturais». 3:1, 341-361.
- PORTUGAL, D. Francisco de (2012). *Arte de Galantería*. Edição e notas de José Adriano de Freitas Carvalho. Porto: CIUHE.